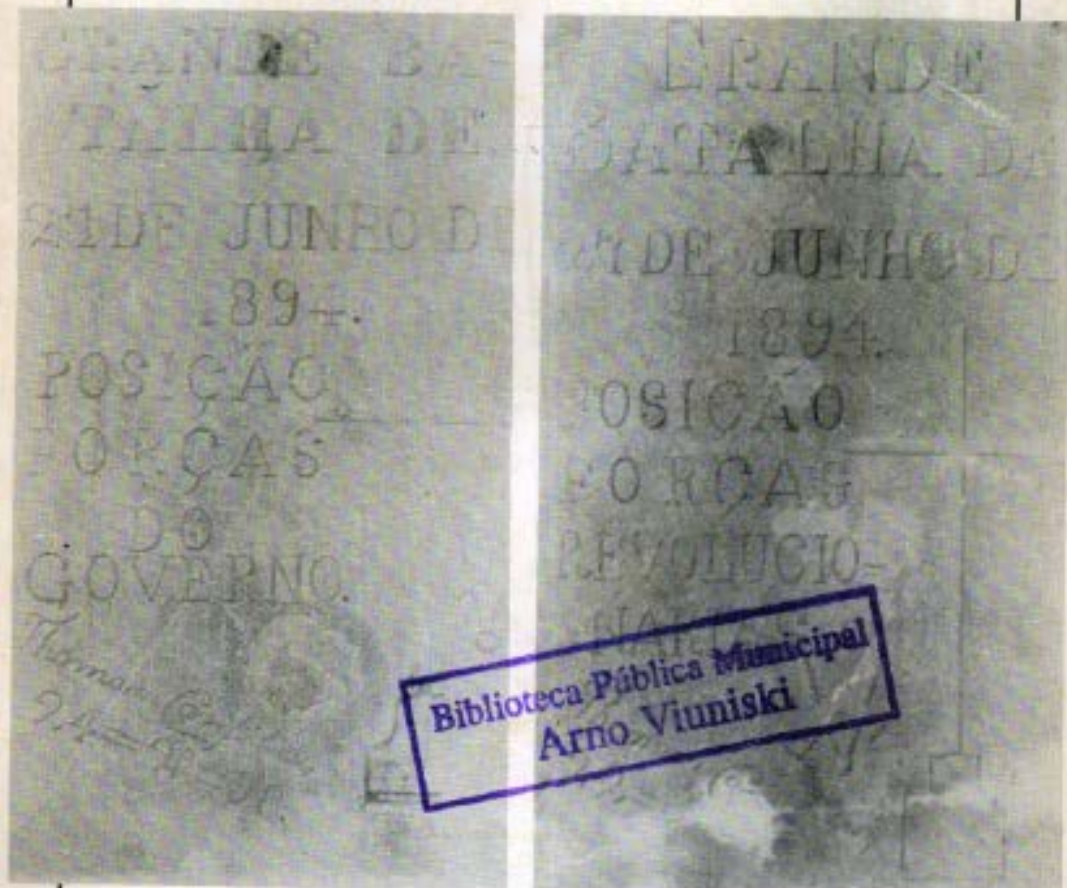


MARAGATOS E PICA-PAUS, por que brigaram tanto?

[Passo Fundo na revolução de 1893]



Welci Nascimento

Welci Nascimento

Maragatos e Pica-Paus

Por que brigaram tanto?



Passo Fundo
2012

Welci Nascimento

Maragatos e Pica-Paus

Por que brigaram tanto?

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História. -Passo Fundo: Pd Berthier, 1993. 30p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste livro NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a referida citação de autoria.

Este trabalho está licenciado sob a Licença:

[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3.0 Nao Adaptada.](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA

Revisado pelo Autor em: 27/04/2012

N244m Nascimento, Welci

Maragatos e Pica-paus [recurso eletrônico] : por que brigaram tanto? / Welci Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-53-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História – Revolução Federalista, 1893-1895. 2. Guerra dos Maragatos. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
A REVOLUÇÃO FEDERALISTA	9
IDEAL CASTILHISTA	10
IDEAL MARAGATO	10
A CAVALARIA GAÚCHA	11
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO	12
MARAGATOS E PICA-PAUS	15
O PORQUÊ DA DISCÓRDIA	17
A LUTA	19
A REVOLUÇÃO EM PASSO FUNDO	20
DUAS VERSÕES SOBRE A BATALHA DO PULADOR	25
RESULTADOS DA REVOLUÇÃO	29
A PAZ	30
FONTE DE CONSULTA	32
Índice de ilustrações	33

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Alguns historiadores afirmam que essa revolução não é digna de registro, porque não houve generosidade, nem regras de guerra. “Foi uma desgraça que desabou sobre a sociedade gaúcha. Dizem os instintos maus dos homens andavam às soltas”.

Este ano de 1993, marca o centenário dessa revolta civil. Embora eclodida do ressentimento entre os homens que lideravam a política, na disputa do poder, na luta ideológica transformada em morte, mesmo assim, precisamos conhecê-la.

Dois partes do Rio Grande brigaram, ferozmente: a agremiação “maragata” (federalista), formada de homens vibrantes, valentes e a agremiação “pica-pau” (republicanos castilhistas), formada por homens altivos, com expressão dominante.

A fidelidade foi a grande característica dos políticos daquela época.

Passo Fundo foi palco da grande teatralidade entre “maragatos” e “pica-paus”.

Passo Fundo, 14 de janeiro de 1993.

O autor.

IDEAL CASTILHISTA

“A suprema direção governamental e administrativa do Rio Grande do Sul compete ao Presidente, que exercerá livremente, conforme o bem público, interpretado de acordo com as leis”.

(Art. 7º da Constituição Estadual de 1891)

IDEAL MARAGATO

“...O objetivo dos revolucionários rio-grandenses não é a restauração monárquica; é libertar o Rio Grande da tirania castilhista...”

(Manifesto dos Comandantes Federalistas, março de 1893)

A CAVALARIA GAÚCHA

Euclides da Cunha, o estilista nordestino, na obra “Os Sertões”, descreve a personalidade do homem sul rio-grandense, estabelecendo uma diferença do homem nordestino: “O gaúcho, o peleador valente, é certo inimitável numa carga guerreira...” O jagunço, diz o escritor, “é menos teatralmente heroico, raro assume esta feição romanesca e gloriosa”.

Essa teatralidade, diz o escritor Jorge Salis Goularte, “justifica-se de uma combinação histórica com a geográfica da vida do homem rio-grandense, resultando daí que os naturais deste Estado sempre escolheram a cavalaria para a sua arma de guerra”.

Dom Diogo de Souza, incumbido de organizar a Província do Sul contra os conquistadores espanhóis relata: “De toda a tropa é indispensável afastar a ideia de servir a pé, porque os habitantes, acostumados e andarem desde de criança a cavalo e a não mandarem a ser alistados na infantaria e artilharia a pé, quando aliás se prestam, voluntariamente, para assentar praça nos corpos de cavalaria...”

Garibaldi, em sua obra “Memórias”, atestava a predileção dos farroupilhas pela cavalaria: “O exército republicano, forte de mil homens de infantaria e de cinco mil de cavalaria...”

Andar a cavalo era a suprema aventura para os homens que habitavam o Rio Grande do Sul. Não era de estranhar que os jovens gaúchos sempre se inclinam em servir na cavalaria, quando eram chamados para prestar o serviço militar.

Talvez fosse por isso que os revolucionários gaúchos conseguiam quase todas as suas vitórias, por meio de velozes cavalos. Sempre que o inimigo se achava protegido por um obstáculo, os combates ficavam indecisos. A luta acontecia quando o campo era aberto.

O famoso combate do “Pulador”, em Passo Fundo, um dos maiores da revolução civil de 1893, é um exemplo: o local onde se deu o encontro entre as forças do governo e as forças revolucionárias era circundado de banhados e matas, tornava difícil a carga da cavalaria revolucionária maragata, que tentou várias vezes carregar, mas, diante da natureza do terreno, onde os cavalos e cavaleiros caíam nos atoleiros dos banhados, estancavam sem ação.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO

Quando a República foi proclamada no Brasil, em 15 de novembro de 1889, o Partido Liberal dominava a política no Rio Grande do Sul. Seu chefe era o Conselheiro Gaspar Silveira Martins, Senador do Império, que elegera no ano anterior, 23 deputados, sendo que o Partido Conservador obteve apenas 12. O último Gabinete da Monarquia era constituído exclusivamente de liberais.

24 de julho de 1889, alguns meses, portanto, da Proclamação da República, Gaspar Silveira Martins tinha sido colocado na Presidência da Província, tornando-se, mais do que nunca, o alvo preferencial do ataque republicano ao poder monárquico. As forças políticas gaúchas estavam dispostas no cenário: d um lado, Gaspar Martins, a Guarda Nacional e a política, o Partido Liberal e a máquina administrativa; do outro, o Partido Republicano Rio-grandense, a maioria dos militares jovens e grande parte do Exército, mais os adesistas recentes, ex-conservadores que traziam consigo muito dos coronéis municipais.

A 6 d novembro, apenas três meses e meio depois da posse, Silveira Martins passa o comando da Província a seu Vice, para não mais retomá-lo.

Proclamada a República, o Visconde de Pelotas, militar liberal de grande prestígio, ex-senador e veterano de várias guerras é convidado para assumir o governo republicano da província do Rio Grande do Sul.

Nessa época, as lideranças jovens da jovem república, no Rio Grande do Sul, chamava-se: Júlio de Castilhos, 29 anos; Ramiro Barcelos, 38; Borges de Medeiros, 25 anos. Compõe-se o primeiro governo republicano gaúcho: na Presidência, o Visconde de Pelotas. Na Secretaria Geral, Júlio de Castilhos, na pasta das Obras Públicas o engenheiro Antão Farias, na Fazenda, o médico Ramiro Barcelos.

No dia 1º de junho de 1890, divulga-se em Porto Alegre o manifesto da União Nacional, que aglutinava os liberais, os conservadores e os dissidentes do partido republicano, contra o exclusivismo dos republicanos históricos. É a formação política dos revoltosos de 93.

O Partido Republicano do Rio Grande do Sul não contava com um número expressivo de correligionários, no entanto, à sua frente havia personalidades como Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado, Demétrio Ribeiro, Ramiro Barcelos, Protásio Alves, Apolinário Porto Alegre, muitos dos quais se tornariam dissidentes, ingressando, mais tarde, no Partido Federalista.

Em 4 de outubro de 1890, pelo Decreto Federal nº 802, Deodoro, chefe supremo do governo republicano, determinou aos governadores nomeados que convocassem as respectivas assembleias constituintes até abril de 1891, para elaborarem e promulgarem as constituições e elegerem os governos estaduais.

O Decreto conferia aos governadores em exercício a competência para promulgarem, em cada Estado, uma constituição provisória.

Pelo Ato nº 354 de 25 de abril de 1891, é tornado público o projeto da Constituição Rio-grandense, laborada pela seguinte comissão: Drs. Júlio de Castilhos, Assis Brasil e Ramiro Barcelos, satisfazendo, assim, as exigências do regime republicano. Fazem-se as eleições a 5 de maio e é eleita uma bancada totalmente castilhista. O pleito é presidido pela lei Alvim. Essa lei considerava o Estado como um só distrito eleitoral e os eleitores podiam votar na totalidade da chapa. Com isso, o partido que fizesse a maioria dos votos faria toda a Assembleia.

A 14 de julho, com marcas de forte centralização dos poderes nas mãos do presidente do Estado, cargo para o qual será eleito Júlio de Castilhos, é promulgada a primeira constituição.

Em 1892 o líder federalista Gaspar Silveira Martins inicia as articulações contra Júlio de Castilhos que, por sua vez, prepara o Partido Republicano Rio-grandense para o que virá.

Em 17 de junho daquele na, o “governicho”, instalado em 12 de novembro de 1891, chega a seu final. Esse governo provisório, chamado de “governicho” pelos opositores, enfrentaria a mais tenaz oposição popular e praticaria atos antidemocráticos, durante sete conturbados meses em que governou o Estado.

Nesse mesmo ano de 1892, o Dr. Gaspar Silveira Martins realiza o Congresso de Bagé, onde nasce o Partido Federalista, cuja chefia, por unanimidade, foi conferida ao famoso tribuno.

A 25 de janeiro de 1893, Júlio de Castilhos assume novamente o governo do Rio Grande, num momento em que “a revolução dificilmente poderia ser evitada, uma vez que já se ouvia reboar da tempestade revolucionária, prestes a desencadear”, no dizer do historiador Wenceslau Escobar.

A paixão política chegava ao extremo e os ideais políticos dos republicanos e dos federalistas eram difundidos na imprensa, nas praças públicas, nos bolichos de campanha, nos lares, de ouvido em ouvido. “Com o partido e com os companheiros, na vida e na morte”, era o dogma de cada um dos grupos, expressando, cada um, a moral do seu partido, o

Republicano (pica-pau) e Federalista (maragato), liderados por Júlio de Castilhos e Gaspar Silveira Martins, respectivamente.

MARAGATOS E PICA-PAUS

Quando, em março de 1892, é organizado o Partido Federalista, na cidade de Bagé, estava presente um dos maiores condutores de homens e movimentos revolucionários do extremo sul do Brasil: Gumercindo Saraiva. Começava aí a projeção dessa extraordinária figura e líder maragato.

A alcunha de maragato era, na ocasião, uma denominação desconhecida no Rio Grande do Sul. Foi Gumercindo Saraiva quem trouxe para o Rio Grande os maragatos. Eles eram oriundos das terras espanholas, povo forte, temível, com espírito guerreiro, propensos à luta e à aventura.



Figure 1 Foto de 1891: Republicanos - parada ao pé do Rio Passo Fundo

Na América Latina eles se localizaram na república Oriental do Uruguai. De lá, mais precisamente na Província de São José, é que Gumercindo Saraiva trouxe, aproximadamente, quatrocentos maragatos, que se irradiaram por todo o Rio Grande do Sul, que era terra comum integrada na indústria do charque e nos costumes. Além dos maragatos uruguaios vieram maragatos argentinos, da Província de Santa Fé.

A princípio, os partidários de Júlio de Castilhos apelidaram e englobaram todos os revoltosos federalistas sob a alcunha de maragatos, inicialmente, pejorativamente, todos os que acompanhavam as ideias de

Gaspar Silveira Martins eram rotulados de maragatos, sinônimo de estrangeiros, invasores, mercenários de um caudilho uruguaio a serviço da bandeira parlamentarista. Mais tarde, orgulhosamente, cada membro do chamado “exército libertador”, combatentes ou partidários, passou a aplicar a si mesmo a alcunha de maragato, usando um lenço vermelho no pescoço, significando coragem e amor à liberdade.

A alcunha de “pica-pau” foi dada pelos federalistas aos partidários do governo de Júlio de Castilhos.

Pica-Pau é um pássaro que, pelas listras brancas do seu topete, se assemelhava aos combatentes presidencialistas que traziam em seu chapéu de combate também uma divisa branca.

Mais tarde, na revolução de 1923, foram chamados de “chimangos” aos partidários do governo de Borges de Medeiros, sucessor direto de Júlio de Castilhos, que viria tomar posse em 1898.

Os maragatos costumavam dizer que não valia a pena gastar pólvora em “chimango”, uma vez que esta era uma ave comum na campanha rio-grandense.

O PORQUÊ DA DISCÓRDIA

Implantada a república, Júlio de Castilhos criou um modelo político no Rio Grand do Sul, que se perpetuou por mais de três décadas exercendo forte influxo no contexto da República Velha.

Júlio de Castilhos, no cume de todo o sistema castilhista, era um líder carismático que sabia para onde devia guiar os destinos da sociedade gaúcha. Sabia ele e estava consciente do papel que lhe cabia frente à crise, em que o liberalismo vinha submergindo, após a revolução francesa.

A filosofia positivista encarnou-se no pensamento e na obra política de Júlio de Castilhos e seguidores, ficando concretizada na Constituição Estadual de 14 de julho de 1891, reproduzindo, em seus traços gerais a filosofia exposta por August Comte. O sistema positivista empolgou os castilhistas gaúchos como Borges de Medeiros, pinheiro Machado, Getúlio Vargas, entre outros.

O princípio básico para o castilhismo era de que “a sociedade caminhava, inexoravelmente, para a sua estruturação racional e que as personalidades carismáticas deviam impor-se nos meios sociais onde se encontram”. Isso de soberania popular, de governo do povo, pelo povo eram conceitos vãos, criados para estorvar a ação da autoridade, no estudo das questões sociais, afirmava a teoria castilhista. Daí, a feroz crítica que o castilhismo desatou contra o sistema parlamentar: “sistema para lamentar”. A liberdade, para a teoria castilhista, deveria estar sob a tutela da autoridade. Borges de Medeiros seguiu a risca essa concepção ao assumir o governo do Rio Grande em 1898 e que se prolongou até 1926, sucessivamente.

Dois líderes liberais gaúchos se opuseram, radicalmente, ao sistema castilhista: Gaspar Silveira Martins e Joaquim Francisco de Assis Brasil.

O pensamento político desses líderes oposicionistas se situava na linha do liberalismo americano, ao considerar que a finalidade do governo representativo é garantir a liberdade dos cidadãos, assegurando-lhes o enriquecimento e a educação. Consideravam para um bom governo a liberdade de indústria e comércio e a liberdade do ensino que assegurasse o estabelecimento da nova geração, garantindo a evolução da sociedade. Combatiam, esses líderes, a forma de protecionismo e de monopólio do Estado na economia, como medidas atentatórias à liberdade dos cidadãos.

Júlio de Castilhos propunha a moralização dos indivíduos através da tutela do Estado como elemento fundamental na organização da sociedade, que se fundava nas virtudes republicanas.

Silveira Martins lutava pela implantação no Brasil de uma República Federativa de caráter presidencial, representativo e parlamentar.

Para fazer valer essas ideias, foram à luta armada. Passo Fundo foi palco dessa luta que durou 31 meses dividindo a população entre “pica-paus” e “maragatos”.

A LUTA

A Revolução Federalista desencadeava em 5 de fevereiro de 1893, no Rio Grande do Sul, foi uma luta eminentemente política.

Nessa data, na linha divisória com a República oriental do Uruguai, o Gal. João Nunes da Silva Tavares, que ali se achava acampado com uma tropa em organização, lança uma proclamação ao povo rio-grandense concitando-o à luta contra o governo de Júlio de Castilhos. Ao mesmo tempo, o Cel. Gumercindo Saraiva, caudilho experimentado nas revoluções uruguaias, entra no território gaúcho para dar apoio aos liderados de Gaspar Silveira Martins. Em seguida, através de um esquadrão de reconhecimento, Gumercindo Saraiva, que mais tarde viria comandar as forças revolucionárias, trava um combate com as forças legalistas do Coronel Mena Barreto, defensor do governo de Júlio de Castilhos. Registra-se, aí, o primeiro sangue derramado na sangrenta revolução civil.

No centro do Estado surgem movimentos. Na fronteira, a cidade de Livramento é cercada pelos maragatos, sob o comando do passo-fundense Prestes Guimarães. O Gal. João Teles, do comando legalista parte da cidade de Bagé à frente de 1.200 homens e marcha para retomar aquela cidade fronteiriça. Prestes Guimarães recua e abre caminho para as forças do governo. Enquanto isso, as forças maragatas tomam a cidade de Alegrete, que se achava defendida pelas forças do governo. Prestes Guimarães assume o comando da primeira Divisão do Exército Libertador Federalista e fica senhor absoluto da cidade de Alegrete.

A revolução se espalha por todo o Rio Grande e atinge os estados de Santa Catarina e Paraná.

A REVOLUÇÃO EM PASSO FUNDO

Em Passo Fundo, os ideais republicanos vem desde o decênio da Revolução Farroupilha. Mesmo derrotados pelos imperiais, os farroupilhas conservavam os grupos remanescentes que defendiam, na vila e na parte rural, a causa republicana. Nessa época o município, como de resto todos os municípios brasileiros, não tinha autonomia político-administrativa. A ação do município era limitada à aplicação das leis gerais da província.

O grupo republicano de Passo Fundo era constituído de pessoas jovens, sem influência política. Faziam suas reuniões, quase sempre à noite, às escondidas. A propaganda republicana tinha como base o jornal A Federação, da capital do Estado.

Aos poucos vê-se o pequeno grupo com ideias republicanas transformado em partido organizado, constituído por dissidentes do Partido Liberal que se fundira com o Partido Conservador.

Dois grandes advogados passo-fundenses tinham assento na Assembleia Provincial: Antônio Prestes Guimarães e Gervásio Lucas Annes. O primeiro, líder dos federalistas e o segundo, líder dos republicanos, grupos que viriam a ser formados no Rio Grande com o advento da República.

Proclamada a República, a organização administrativa do município de Passo Fundo sofre profundas mudanças. É nomeada uma junta governativa para dirigir, provisoriamente, a cidade. Essa junta é formada pelos republicanos Gabriel Bastos, José de Moraes e Jerônimo Lucas Annes, que se conservou no poder por quase 2 anos.

Em 1891 foi eleito o Conselho Municipal Constituinte, para votar a Lei Orgânica Municipal, cujo projeto fora elaborado por Gervásio Lucas Annes, Cândido Lopes de Oliveira e Antônio José Pereira Bastos, extinguindo portanto, a Junta Governativa.

Em 1892 foi nomeado, pelo Governo do Estado, o Sr. Frederico Guilherme Kurtz, como primeiro Intendente Municipal do período republicano. No ano seguinte foi nomeado o Sr. Gabriel Bastos, sendo que no final de 1893 foi nomeado o Sr. Gervásio Lucas Annes que pela sua liderança no Partido Republicano se conservou no poder municipal de Passo fundo até o ano de 1912.

A luta em Passo Fundo teve início quando, na noite de 17 para 18 de junho de 1892, foi dada a ordem para ser organizada a resistência contra o plano revolucionário dos federalistas que estava em discordância com a política adotada pelo governo de Júlio de Castilhos.

Os ânimos se acirraram com o assassinato do Cel. Honorário do Exército, Francisco Marques Xavier (Cel. Xicuta), em plena rua Comércio, atual Av. Brasil. Prestes Guimarães, chefe político federalista, foi processado como responsável dessa morte. Nada foi provado, no entanto.

A cidade preparava-se para uma batalha sem tréguas.

De um lado, os liderados do coronel Gervásio Lucas Annes, castilhistas, de outro, os liderados de Prestes Guimarães, gasparista maragato, reproduzindo a luta pelo comando do poder que se travaria em todo o Estado do Rio Grande.

Combates eram travados em diversos pontos da cidade e zona rural. Perseguições, de ambas as partes, eram concretizadas. Passo Fundo era teatro de uma revolução inglória. Famílias que podiam, migravam. A cidade era tomada ora por maragatos, ora por castilhistas. Gêneros de toda ordem eram depositados e a cidade se transformava numa verdadeira oficina de guerra, fabricando ponchos, malas, barracas, ferrarias trabalhavam dia e noite na feitura de lanças e carpintarias confeccionavam cabos.

As forças populares do comando maragato dominavam a cidade. Firmino de Paula, chefe do comando castilhista, dissolve as forças federalistas e domina a cidade.

Conforme relatório dos federalistas, o regime implantado em Passo Fundo, obediente ao Dr. Pinheiro Machado, líder do governo, o regime era d terror. Instaure-se no município um processo de vingança, de prisões injustas e arbitrária. Os federalistas denominam as forças de Firmino de Paula como de “malta d salteadores”.

Por outro lado, as lideranças legalistas acusavam as forças maragatas, lideradas por Gumercindo Saraiva, de possuírem um temperamento sanguinário, assinalando suas ações com a marca da crueldade.

Em 1894 os revolucionários federalistas de Passo Fundo contavam com uma respeitável coluna, numerando cerca de 1.200 homens, tendo surpreendido a brigada do governo que vinha de Cruz Alta, no lugar denominado de Umbu. As forças do governo perderam nesse combate mais de 100 homens. Entre os feridos estava o Cel. Gervásio Lucas Annes.

O general federalista Veríssimo da Veiga que vinha, até então, de diversas vitórias, entrou em luta, corajosamente, no Valinho, pouco distante do Umbu com as forças do Cel. Santos Filhos, vindo da cidade de Cruz Alta com a brigada de infantaria legalista. As forças legalistas

impõem uma derrota às forças do Gal. Veríssimo, eliminando-o praticamente da luta. Contudo, os federalistas, agora sob o comando de Prestes Guimarães, ainda encontraram recursos para derrotar as forças do governo.



Figure 2 Chefes Republicanos. Da esquerda para a direita: 1 Cel. Gervásio Annes. - 2 Tte. Cel. Antônio João Ferreira. - 3 Cel. Firmino de Paula. - 4 Cap. José Gabriel. - 5 Dr. Fernando Abbot - 6. Tte. Cel. José Pinto de Morais. - 7. Dr. Salvador M. França. – 8.

Embora numerosos, os revolucionários maragatos eram um povo reunido sem nenhuma instrução militar e quase desarmados. A cidade era tomada, ora pelos federalistas, ora pelos legalistas.

Foi no combate do Boqueirão, arrabalde ocidental da cidade, que as forças legalistas comandadas pelo Capitão Eleutério que fez com que as forças maragatas se retirassem, fazendo com que o exército de Prestes Guimarães, por falta de cavalaria e outros recursos bélicos, se retirasse, pela fronteira, ao Estado Oriental do Uruguai.

No combate do Arroio Teixeira, nas proximidades dos campos do cel. Francisco de Barros Miranda, o triunfo pendeu para os revolucionários federalistas, que pelearam com cacetes, pedras e lanças, sob o comando

do Cel. Veríssimo da Veiga. Relato dos federalistas dizem que a força do governo foi obrigada a retirar-se em fuga para a cidade, deixando em poder dos revolucionário, cavalos, encilhas, armas de fogo e lanças.

Os federalistas, depois dessa vitória, dominavam no campo para leste até o Mato Castelhana e para o sul quase todo o caminho que conduzia à cidade. O acampamento dessas avançadas era o Passo da Cruz.

O comando das forças governistas, conduzido pelo Capitão Eleutério, se pôs em marcha para o Passo da Cruz. Mais uma vez a força federalista consegue dominar o campo de batalha. Nessa luta morre o Capitão Eleutério dos Santos.

Em 8 de fevereiro d 1894 o Coronel Santos filho, comandante das forças do governo, vindo da cidade de Cruz Alta, entra em Passo Fundo, depois d vencer a batalha do Valinho, nos arrabaldes da cidade. Enquanto isso, os federalistas transpunham o rio Passo Fundo, em retirada. Meses de-]pois, o Cel. Santos Filho abandona a cidade, levando consigo armas e munições, gado, alimentos e roupas, com o objetivo de prejudicar os revolucionários.



Figure 3 M.H.C. Fazenda dos Melos. Serviu de Hospital na Grande Batalha do Pulador. 27/06/1894

Prestes Guimarães, vindo de Soledade, começa a ocupar posições estratégicas, se posicionando junto à fazenda de Ismael de Quadros. Foi no combate dos Três Passos, nas proximidades desse arroio, onde tanto legalistas como federalistas deixaram estendidos centenas de mortos no campo de batalha. Conta-se que não houve prisioneiros.

Em abril do mesmo ano, a Divisão Norte do comando do governo desloca-se para a região de Nonoai, com a finalidade de impedir que Gumercindo Saraiva penetrasse no Rio Grande do Sul, de regresso do Paraná. As forças do governo procuram se aproximar da cidade de Passo Fundo, para onde também marcha Gumercindo Saraiva para juntar-se com o General Prestes Guimarães, às margens do arroio Pinheiro Torto. A divisão governista estava acampada no Rincão dos Melos. No dia seguinte iria ferir-se o combate mais sangrento de toda a Revolução Federalista: A Batalha do Pulador.

DUAS VERSÕES SOBRE A BATALHA DO PULADOR

“A Divisão Norte, comandada pelo general Lima, regressava pelo caminho de Nonoai, procurando aproximar-se de Passo Fundo, para onde marchou também Gumercingo que, a 26 de junho, passou por aquela cidade, depois de fazer junção com Prestes Guimarães, indo acampar às margens do arroio Pinheiro Torto. A Divisão do Norte estava acampada no Rincão dos Melos. A noite de 26 para 27 foi passada em vigília de armas pelas colunas inimigas. No dia seguinte iria ferir-se o combate mais sangrento de toda a Revolução.

Ao amanhecer do dia 27 a coluna federalista foi despertada por um vivo tiroteio. Era a Quarta Brigada do coronel Salvador Pinheiro que, executando um reconhecimento, se aproximara do acampamento revolucionário. Logo lhe sai ao encontro o Cel. Aparício Saraiva. Salvador recua, lutando, para o lugar previamente escolhido onde se achava o grosso da Divisão.

O general Lima havia tomado posição numa grande coxilha próxima ao Pulador. Apoiara seu flanco direito nos banhados que desaguam para as pontas do rio da Várzea e a esquerda num mato, onde o terreno era escarpado. Ficara, assim, a coberto dos ataques envolventes que fossem, como foram, tentados pela cavalaria inimiga. No centro colocou-se a Primeira Brigada e à esquerda do major Tupi Caldas; à direita a Segunda Brigada, do coronel Santos Filho e à esquerda a Quinta Brigada, do coronel Firmino de Paula.

A infantaria federalista atacou com grande vigor o centro e a direita dos republicanos, sendo a esquerda atacada por grande massa de cavalaria. Durante seis horas as duas forças adversárias estiveram empenhadas numa luta encarniçada, ali registrando empolgantes lances de bravura. Batalhões inteiros agarravam-se em terríveis corpo-a-corpo. A cavalaria republicana, quase toda desmontada, pela carência de cavalos, combateu a pé, portando-se com grande denodo.

Afinal, ao cair da tarde, os federalistas operaram o movimento de retirada, sendo francamente perseguidos durante uns três quilômetros.

As perdas federalistas foram pesadíssimas, com mais de 100 mortos e cerca de 300 feridos, contando-se entre os primeiros o Cel. Pereira Pinto, do estado maior de Gumercingo, e os majores Jacinto Lacerda e Felipe Pinto; entre os feridos, o coronel Aparício Saraiva e muitos outros oficiais.

A Divisão Norte, conforme parte oficial, teve 60 mortos e 177 feridos, contando-se entre estes o próprio comandante, general Rodrigues Lima e o coronel Firmino de Paula...”.

(A revolução federalista: Arthur Ferreira Filho. Enciclopédia Rio-Grandense, p. 329-330).

“No dia 26 d junho toda a força revolucionária passou ao som de música pelo centro da cidade de Passo Fundo, de Leste para Oeste, indo pernoitar no “Pinheiro Torto”, que ficava a 6 quilômetros na estrada de Cruz Alta. No dia seguinte, 27, ao encetar a marcha para frente, encontrou no “Umbu” as avançadas do exército de Lima, travando desde logo combate, recuando essas avançadas até perto da fazenda de Antônio Mello no “Pulador”- de 12 a 13 quilômetros de Passo Fundo. Aí feriu-se grande e renhidíssima batalha.



Figure 4 Posição das Forças de Governo na Batalha do "Pulador". Em 1894

O local fora escolhido pelo chefe das forças legalistas, sendo quase inacessível às evoluções da cavalaria revolucionária- que pouco fez na ocasião mais decisiva da batalha, por essa circunstância, tendo operado com melhor sucesso no começo da peleja- em que o campo prestava-se regularmente às manobras. Depois de 6 horas de fogo as forças revolucionárias retiram-se em boa ordem do campo de luta, voltando ao “Pinheiro Torto”, sem perseguição do inimigo, salvo alguns tiros perdidos de canhão. É o que o inimigo tinha de atender os estragos que sofrera. Estava vitorioso simplesmente por ter ficado ocupado o campo de luta, pois perdera em seus quadros de infantaria dizimados de perto a descargas de Manulinch, maior número de mortos e feridos, que os contrários retirantes, como depois se verificou com exatidão.



Figure 5 Comando Maragato: (da esquerda para a direita): Estácio Azambuja, Batista Luzardo, Lonel Rocha, Honório Lemos, Assis Brasil, Setembrino Carvalho, Ângelo Machado, Zeca Netto e Felipe Pertinho (1912)

Tiveram os revolucionários 88 mortos, contados insepultos no campo, alguns dias depois, e quase 200 feridos, incluso o valente Aparício, Mello, José Silveira Martins, e tantos outros bravos. Foi maior a perda dos legalistas. Algumas centenas de mortos e cerca de mil feridos, senão mais, o que cuidadosamente trataram de ocultar para diminuir o efeito moral da verdade dessa para eles, vitória de Pirro. Na sangrenta batalha do

“Pulador saíram feridos o próprio general Lima, e alguns dos seus oficiais superiores. No dia seguinte, junho, 28, o exército revolucionário marchou do “Pinheiro Torto” ao raiar da aurora em direção a Soledade. Em Passo Fundo ficou, porém, de observação o chefe Veríssimo- com seu denodado corpo de patriotas... Do exército de Lima, que se pôs em marcha pela estrada da Cruz Alta, enterrando a cada momento pelo caminho os feridos que faleciam...”.



Figure 6 Posição dos Maragatos na Batalha do "Pulador"

(A Batalha do Pulador: Antônio Ferreira Prestes Guimarães. “A Revolução Federalista em Cima da Serra, p. 52/53).

RESULTADOS DA REVOLUÇÃO

O historiador passo-fundense Antonino Xavier descreve assim o município, ao tempo da revolução federalista: “Quando a revolução teve início, o município se achava em condições prósperas. Sua população de aproximadamente 25 mil habitantes, um comércio atívisimo, uma indústria pastoril, 150 mil cabeças de gado. Não se conhecia a miséria...”.

“...acabada a revolução, a Passo Fundo antiga desaparecera...”, comenta o historiador: O município, depois da revolução sangrenta, era quase um deserto. Viajava-se dias inteiros pela campanha vestida de um macegão... “nos lugares daquelas confortáveis fazendas de outrora, viam-se apenas destroços de uma devastação enorme. Eram taperas de uma tristeza infinita para quem, olhando o passado, recordava-se das vezes que ali chegava a descansar das fadigas da jornada ou dizer adeus ao amigo fazendeiro”.

A evolução federalista em Passo Fundo, através dos combates e pelo sangue derramado, arrasou o território, relatam os historiadores. O mais grave de tudo isso foram os rancores, os profundos ódios pessoais, prejudicando o desenvolvimento do município, durante muitos anos.



Figure 7 Local da famosa Batalha do "Pulador", hoje reflorestado

A PAZ

Em 23 de agosto de 1895, era assinada, na cidade de Pelotas, a paz por todos almejada, principalmente pela população.

Durante 31 meses, liderados por Júlio de Castilhos e Gaspar Silveira Martins, brigaram ferozmente. Durante todo esse tempo, foram praticados atos de selvageria inaudita, milhares de vítimas e um imenso prejuízo material. Por isso, alguns historiadores rio-grandenses recusam-se a descrevê-los.

O passo-fundense e líder maragato, Prestes Guimarães, assim se expressava, quando foi assinada a paz:

“Os rio-grandenses querem e não conseguem o governo do povo e para o povo. Democracia e liberdade, estas duas rodas do carro da civilização humana, serão puxadas pelo parlamentarismo...”

“...Quando a nós não acreditamos em paz, senão cimentada no amor, na fraternidade, na liberdade e na justiça. Porém, campeia o ódio, impera a tirania e vinga em toda a parte o rancor e a iniquidade...”

E Prestes Guimarães arremata: “Será uma brilhante realidade a paz pactuada em 23 de agosto? Talvez...”.



**Figure 8 Major Antonio
Ferreira Prestes Guimarães
chefe maragato**

Logo em seguida, vieram outras revoluções assinaladas pela posse do poder político: as de 1923, 24, 30 e 64. Crises políticas de toda ordem eclodiram durante todo o século vinte marcadas por suicídios, renúncias, impedimentos e destituições de presidentes da república.

O historiador Décio Freitas, comentando o centenário da revolução federalista, diz: “A vitória castilhista sobre a revolução federalista consolidou um modelo de presidencialismo autoritário que dominaria o Rio Grande por quarenta anos e depois de 1930 se instituiria, por longos períodos, em âmbito nacional”.

Estamos prestes a entrar no século vinte e um, e os problemas do povo continuam os mesmos, porém agravados: fome, falta de moradia, escolas, segurança, atendimento

médico-hospitalar, baixos salários em contraste com os altos salários.

As decisões políticas devem ser tomadas pelo voto popular. É o princípio, elementar, da democracia.

FONTE DE CONSULTA

ASSIS BRASIL E A EVOLUÇÃO NACIONAL, Marques Antero, PALLOTTI, 1980.

ANAIS DO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO, Francisco Antonio Xavier e Oliveira.

BORGES DE MEDEIROS, J. Pio d Almeida, POA, 1928.

CASTILHISMO, UMA FILOSOFIA DA REPÚBLICA, Ricardo Vélez Rodrigues, 1980.

GAÚCHOS E BEDUÍNOS, Manoelito de Ornellas, 1956.

MARAGATOS E PICA-PAUS, Carlos Reverbel, 1985.

MEMÓRIAS DO GAL. ZECA NETTO, 1983.

PASSO FUNDO ATRAVÉS DO TEMPO, Delma R. Gehm.

PASSO FUNDO NA REVOLUÇÃO DE 1893, Delma R. Gehm.

UM EPISÓDIO MARAGATO, Octaviano S. Filho, Curitiba, 1983.

O GOVERNICO E A REVOLUÇÃO FEDERALISTA, Francisco P. Rodrigues, 1980.

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA EM CIMA DA SERRA, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, Martins Livreiro, 1987.

MUSEU DA PREFEITURA DE PASSO FUNDO.

REVOLUÇÕES E CAUDILHOS, Arthur Ferreira Filho, 1986.

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA, Enciclopédia Rio-Grandense, Arthur Ferreira Filho.

Índice de ilustrações

Figure 1 Foto de 1891: Republicanos - parada ao pé do Rio Passo Fundo	15
Figure 2 Chefes Republicanos. Da esquerda para a direita: 1 Cel. Gervásio Annes. - 2 Tte. Cel. Antônio João Ferreira. - 3 Cel. Firmino de Paula. - 4 Cap. José Gabriel. - 5 Dr. Fernando Abbot - 6. Tte. Cel. José Pinto de Moraes. - 7. Dr. Salvador M. França. – 8.	22
Figure 3 M.H.C. Fazenda dos Melos. Serviu de Hospital na Grande Batalha do Pulador. 27/06/1894	23
Figure 4 Posição das Forças de Governo na Batalha do "Pulador". Em 1894	26
Figure 5 Comando Maragato: (da esquerda para a direita): Estácio Azambuja, Batista Luzardo, Lonel Rocha, Honório Lemos, Assis Brasil, Setembrino Carvalho, Ângelo Machado, Zeca Netto e Felipe Pertinho (1912).....	27
Figure 6 Posição dos Maragatos na Batalha do "Pulador"	28
Figure 7 Local da famosa Batalha do "Pulador", hoje reflorestado	29
Figure 8 Major Antonio Ferreira Prestes Guimarães chefe maragato.....	30



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portugal
Domínio Público
Biblioteca digital observável em software livre



Passo Fundo



9 788564 997530